

É a reflexão bioética isenta da influência de fatores diversos?

*Is bioethical reflection exempt from the influence of different factors?
Es la reflexión bioética exenta de la influencia de diversos factores?*

Marco Segre

Não é fácil considerar a reflexão Bioética como isenta da influencia de fatores culturais, religiosos (crenças), vivenciais e até mesmo genéticos. É por essa razão que temos como certo que a bioética é, por definição, pluralista, acolhendo as tendências mais diversificadas. É por isso que em nosso ministério, e para a participação em nossos textos, convocamos filósofos, religiosos, psicólogos e outros profissionais, já sabendo que seu discurso trará a repercussão de suas personalidades. Aliás, não é possível ter abstração plena em qualquer análise de valores, pois que intelecto e sentimentos estão sempre vivamente integrados, sendo que, no mais das vezes, o fulcro de uma postura ética é basicamente afetivo, buscando-se, pela razão, justificá-lo e confirmá-lo. Na nossa análise de bioética, também ela logicamente influenciada por questões pessoais, procuramos construir o juízo ético relativo à percepção, confrontação e hierarquização de nossos sentimentos, conforme já escrevemos muitas vezes. Há que se ter um método, na busca da difícil isenção. A justificativa é a mesma da psicanálise, em que se demonstra que o autoconhecimento da vida afetiva permite uma formação de nossas posturas consentânea com a racionalidade.

Tratando, essas considerações, de bioética, resta claro que a reflexão e a discussão sobre valores deve visar ao convívio, tão harmônico quanto possível, entre as pessoas, e da sociedade com o ambiente físico em que vive. Olhando não só para o momento, mas com vista às futuras gerações. É nesse sentido que consideramos como fundamental em bioética a capacidade das pessoas (sujeitos da reflexão) perceberem e desenvolverem suas ligações afetivas com si mesmas e com o próximo (solidariedade, compaixão, alteridade), qualquer que seja sua vinculação cultural ou religiosa. De nada adiantaria construirmos

uma Bioética que tivesse os valores estruturados sobre a competição, o ódio ou a inveja, sentimentos também presentes – em oposição ao “amor” –, pois ela conduziria à destruição e não à harmonização de uma sociedade.

Feitas essas considerações preliminares, percebemos facilmente o quanto é fora de propósito, referindo-nos a uma determinada situação, dizer-se “isto é bioeticamente correto”, “ou não”. Os valores referentes ao convívio humano variam no tempo, nas diferentes culturas e localidades geográficas.

Nisso, o conceito de Bioética distancia-se das religiões, que, cada uma delas tem sua doutrina, e prioriza determinados aspectos da conduta humana (exceto o fato conforme já foi visto, de uma e outras, pelo menos em princípio, visarem ao bem-estar da sociedade).

Tenha-se, então, concludentemente, que a Bioética, não obstante seja ela também fincada em sentimentos (como também o são as crenças e religiões), ela concilia sua raiz afetiva com a racionalidade, tendo, portanto, um alcance mais abrangente no tocante às diferentes culturas.

Poder-se-ia temer que a Bioética, assim desenhada, desse guarida a posturas fratricidas, truculentas, conflitantes com a solidariedade e a alteridade (Levinas) humanas.

É por essa razão que, ao conceituarmos Bioética, e estabelecemos seus fundamentos¹, dando ênfase aos aspectos afetivos “positivos” do pensamento humano, e excluímos da “eticidade” os que fraturem essas ligações (solidariedade e alteridade, já citadas). Por mais que desejássemos ampliar a visão do “ético”, não saberíamos acolher situações como as geradas por Adolfo Hitler, ou Bin Laden.

Tome-se, como exemplo de análise bioética, a discussão sobre a liceidade de se praticar o aborto. De um lado, temos a proposta do sacrifício de uma vida (ainda que em

*Médico. Livre-docente pela Universidade de São Paulo. Professor titular do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho. Membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde. Docente no Programa de Mestrado em Bioética do Centro Universitário São Camilo. E-mail: msegre@uol.com.br

fase gestacional): as motivações para esse sacrifício podem ser as mais variadas, interessando a mãe, a família, o Estado, etc. Essa vida em formação, por outro lado, poderá ser mais ou menos valorizada, obedecendo a fatores culturais, sociais, etc.

Essa “valorização” também variará nas diferentes culturas e épocas, religiões, etc. Ademais, o próprio conceito de vida e de “início da vida” é aleatório, uma vez que se trata de um desenvolvimento que se inicia com a formação de gametas, e que se vai realizando progressivamente, tendo a morte como desfecho. A multiplicidade de elementos a serem levados em conta quando se desejem fixar os parâmetros do “início da vida” implica sua extraordinária variabilidade. Esses aspectos todos, alinhados, permeados, conforme já se expôs, pelas crenças e religiões, é que vão pesar quando se for adotar uma postura favorável ou contrária ao aborto.

Nesse exemplo, se percebe claramente porque são necessárias as Leis que, reflexo de uma cultura, padronizam as condutas.

E, mais ainda, porque não se pode falar em uma Bioética em que o Bem e o Mal sejam aceitos por todos, e sim em “Bioética”, coerentes, cada uma das suas vertentes, com os padrões culturais vigentes. E, ainda, o porquê da percepção dos aspectos afetivos inerentes a cada “bioeticista”, constituir-se em instrumento válido para se perfilar uma Bioética mais isenta e equilibrada.

Com relação à morte, a reflexão bioética também segue tendências culturais. O momento até o qual um corpo faz jus a manobras e técnicas de “ressuscitação” é fixado levando em conta as probabilidades, a essa altura, de retorno à “vida”, e, para isso, recorre-se ao que seja “vida”, conceito também variável segundo a época e o avanço científico.

Todas essas considerações supramencionadas, nos dão uma boa ideia quanto à dificuldade da “isenção”. Essa dificuldade é mais presente e dificulta o julgamento, quando estejam em jogo valores que “façam de perto” a cada “julgador”.

Essa reflexão, concluindo, é semelhante à que se faz para a aferição de uma verdade... que é a de cada um.

REFERÊNCIAS

1. Levinas E. Entre nós – ensaio sobre a alteridade. São Paulo: Vozes; 2005.
2. Segre M. A questão ética e a saúde humana. São Paulo: Atheneu; 2006. 251p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Beauchamp TL, Childress JF. Principles of biomedical ethics. Oxford University Press; 1994.
- Segre M. Conceitos de ética e bioética: Bioética e suas tendências. In: Segre M, organizador. A Questão Ética e a Saúde Humana. São Paulo: Atheneu; 2006. p. 1-8.
- Segre M. Considerações éticas sobre o início da vida: Aborto, Reprodução assistida e clonagem de seres humanos. In: Segre M, organizador. A Questão Ética e a Saúde Humana. São Paulo: Atheneu; 2006. p. 73-90.
- Segre M, Schramm FR. Quem tem medo da (bio)tecnologias de Reprodução Assistida? In: Segre M, Cohen C, organizadores. Bioética. 3ª ed. São Paulo: EDUSP; 2002. p. 41-54.
- Segre M. Os Embriões. In: Taveira S, organizador. Coleção Bioética VIII - Cérebro e Ética. Lisboa: Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida; 2001. p. 19-28.
- Segre M. A Bioética diante do pluralismo moral; 2004. [Apresentação em Congresso]

Recebido em: 26 de maio de 2009.
Aprovado em: 30 de junho de 2009.